

TEXTO DE ASSOMBRAÇÃO:

A CASA FANTASMA



No final da Rua do Silêncio, erguia-se um casarão antigo, de arquitetura imponente, mas decadente. Há anos, a casa permanecia vazia, incapaz de atrair moradores. A fama de ser mal-assombrada afastava qualquer inquilino. Diziam os vizinhos que, ao cair da noite, um vulto sombrio espreitava a rua pela janela do andar superior.

Cansada das histórias que prejudicavam os negócios, a imobiliária encarregada da propriedade decidiu resolver a questão. Enviou dois funcionários, Leandro e Clara, para passarem uma noite no casarão e registrarem qualquer evento incomum. A esperança era desmentir as lendas e, finalmente, conseguir alugar a casa.

Quando a dupla entrou na casa, um cheiro forte de mofo e madeira envelhecida os envolveu. Móveis

antigos, cobertos de poeira, mantinham-se espalhados pelos cômodos, como se a qualquer momento os antigos moradores pudessem retornar. A noite transcorreu silenciosa, com apenas o rangido da madeira sob os passos dos dois e o eco de suas vozes nos corredores vazios.

Entretanto, ao subir para o andar superior, Clara sentiu um mal-estar estranho. Algo parecia puxá-la em direção à janela de onde, segundo os vizinhos, o vulto era avistado. Sem conseguir evitar, caminhou até lá e contemplou a rua escura. Foi quando sentiu um ar gelado em sua nuca e escutou um sussurro arrastado:

"Bela vista, não é?"

Seu coração congelou. Virou-se lentamente e viu um homem velho, de pele cadavérica e olhos opacos, escondido sob um capuz esfarrapado. Seu sorriso apodrecido se alargou, e, antes que Clara pudesse reagir, ele desapareceu como fumaça.

Sem conseguir gritar, Clara ficou paralisada. Leandro a encontrou ali, tremendo diante da janela, sussurrando sem parar: "Um homem velho... um homem velho..."

Antes que ele pudesse acalmá-la, uma batida forte soou no andar de baixo. Leandro sacou o celular para filmar e desceu com cautela, deixando Clara para trás.

Quando ele alcançou o salão principal, todas as velas dos antigos lustres se acenderam de uma só vez, espalhando uma luz tremeluzente e sinistra pelo cômodo.

O som de passos arrastados ecoou pelo piso de madeira. Algo se aproximava, mas não havia ninguém ali.

De repente, um espelho na parede rachou de dentro para fora, revelando, por entre as fendas, o reflexo distorcido do homem velho. Ele riu, e sua mão ossuda saiu do espelho, esticando-se na direção de Leandro.

Clara desceu correndo, puxando Leandro pelo braço. Mas a casa não os deixaria sair facilmente. As portas do casarão se fecharam com estrondos, e a escadaria pareceu se alongar infinitamente sob seus pés. As sombras nas paredes tomaram formas grotescas e murmuravam lamentos incompreensíveis.

Foi quando Clara sentiu dedos gélidos roçando sua garganta. Uma voz rouca e cheia de escárnio sussurrou:

"Vocês não deviam estar aqui..."

Um vento gélido varreu o hall, derrubando móveis e lançando os dois contra a parede. Atônitos e desesperados, conseguiram, a muito custo, destravar

a porta e sair correndo para a rua.

Do lado de fora, ao olharem para trás, a casa estava silenciosa e escura novamente. Mas, no andar superior, na janela, algo se movia.

O vulto do homem velho os observava, sorrindo.